

TEMA INTEGRADOR 8: TRABALHO

ECONOMIAS POPULARES NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELO HORIZONTE: INTEGRAÇÃO ENTRE TRABALHO, CULTURA E TERRITÓRIO

Sibelle Cornélio Diniz

O trabalho é um dos elementos organizadores da vida no território. Ele expressa cultura, que se desdobra em relações de produção e regras formais e informais e que regulam a convivência em comunidade. Além disso, constitui um meio para alcançar a reprodução das famílias, promovendo também a identidade com o território.

Na Região Metropolitana de Belo Horizonte, é grande a diversidade de articulações no que tange ao trabalho e à renda. Dentre essas, deve-se ressaltar a grande quantidade de trabalhadores que buscam sua reprodução na chamada “economia dos setores populares”. Entende-se como Economia dos Setores Populares *“formas de reprodução da vida não capitalistas assentadas no trabalho que possuem uma racionalidade econômica ancorada na geração de recursos (monetários ou não) destinados a prover e repor os meios de vida, e na utilização de recursos humanos próprios, agregando, portanto, unidades de trabalho e não de inversão de capital”* (Kraychete, 2000, p. 15).

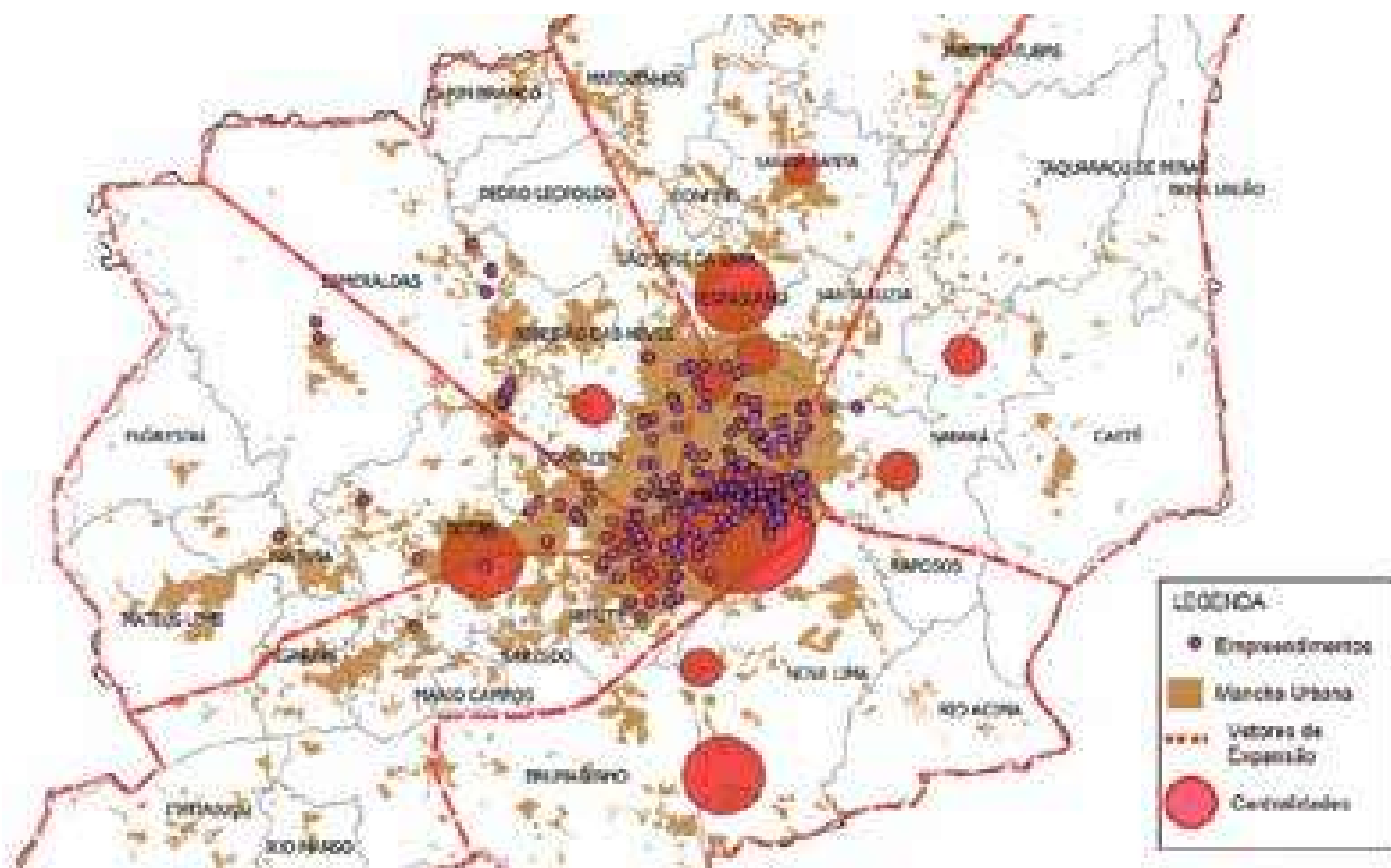
Esse conceito envolve, portanto, as formas da economia popular e solidária, que possuem como objetivo principal não o lucro, mas sim a própria sobrevivência e a “reprodução ampliada da vida” (Coraggio, 2009). Pode-se entender a economia solidária como um subconjunto da economia popular, englobando as cooperativas, associações e grupos informais organizados de forma autogestionária.

As experiências populares e solidárias são importantes para o reordenamento e a gestão territorial, na medida em que promovem o empoderamento de populações visando, em última

instância, o equilíbrio das relações de poder no território, por meio do fortalecimento de associações de produtores, cooperativas de trabalho e redes, que tenham o efeito de promover a identidade territorial (metropolitana).

A Figura 10 apresenta os empreendimentos mapeados pelo Sistema de Informações em Economia Solidária, realizado pelo Ministério do Trabalho e do Emprego entre 2009 e 2012, em cruzamento com os vetores de organização e com as principais centralidades metropolitanas.

Figura 10 – Empreendimentos econômicos solidários na RMBH (SIES 2012), centralidades e vetores de organização metropolitanos



Fonte: Elaboração própria com base em dados do Sistema de Informações em Economia Solidária (2009-2012) e de definições do Macrozoneamento da RMBH.

Os dados desse mapeamento indicam 238 empreendimentos econômicos solidários na RMBH, dos quais 183 se localizavam em Belo Horizonte. Além da capital, foram mapeados empreendimentos em Contagem (41), Betim (7), Esmeraldas (5), Juatuba (1) e Sabará (1). Mesmo quando localizados fora da capital, os empreendimentos permanecem concentrados na mancha urbana, nos vetores Sudoeste, Oeste e Noroeste. Note-se ainda a alta representatividade nas centralidades de primeiro nível (centro metropolitano – BH) e nos centros de segundo nível (Contagem – região do Eldorado e Cidade Industrial –, Barreiro e Venda Nova).

A Economia Solidária na RMBH contava com 2.289 sócios em 2012, dos quais 81,0% eram mulheres. A Economia Solidária geralmente é impulsionada por motivações de um determinado grupo social (mulheres, desempregados, jovens, idosos, etc.). A maioria dos empreendimentos realiza atividades artesanais (artigos de decoração e vestuário, brinquedos, bijuterias, entre outros). Em menor proporção, estão as iniciativas ligadas às confecções (roupas infantis e moda feminina), produção de alimentos (doces, refeições) e reciclagem (papel, metal e tecido).

Apesar de seu potencial em termos de geração de emprego e renda, os dados evidenciam a dificuldade de identificar redes ou cadeias produtivas da Economia Solidária na RMBH. As práticas econômicas solidárias são, em grande parte, constituídas por iniciativas locais específicas, não necessariamente articuladas entre si e com dificuldades de se sustentarem no tempo, entraves esses ligados à gestão, à comercialização, ao crédito, entre outros³².

32 Em Belo Horizonte, tem grande importância o Centro Público de Economia Solidária, espaço ligado à Prefeitura, localizado no prédio ao lado da Praça da Estação, no centro da capital. O local abriga, entre outros, as reuniões do Fórum de Economia Popular e Solidária da Região Metropolitana de Belo Horizonte (FEPS/RMBH), que constitui um braço do Fórum Mineiro de Economia Popular e Solidária (FMEPS), ligado ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES). A atividade recente do Fórum Metropolitano de Economia Solidária aponta cinco cadeias ou redes em formação na RMBH: confecção, alimentação, reciclagem, higiene e limpeza e artesanato. Os fóruns são constituídos por membros dos empreendimentos econômicos solidários, do poder

Recorrendo à noção de desenvolvimento pensada por Celso Furtado em suas obras sobre cultura e criatividade (1978, 1984, 2012), pode-se pensar o fortalecimento da economia popular e solidária como uma estratégia de potencialização dos valores e da criatividade genuínos de nossa economia. É nas organizações individuais, familiares e associativas, de base popular e solidária, que verificamos a perpetuação e repasse intergeracional do conhecimento tradicional e de formas, em essência, criativas, o que abre a possibilidade de efetiva redução das disparidades e politização das minorias por um desenvolvimento endógeno.

Nesse sentido, deve-se pensar o fortalecimento dessas atividades, por meio de ações de visibilização, consolidação e apoio, bem como a construção de redes de empreendimentos, que incorporem a diversidade territorial e cultural da RMBH. São possíveis atores dessa rede:

- Os empreendimentos ligados aos fóruns municipais e metropolitano de economia solidária, sobretudo aqueles relacionados ao artesanato, reciclagem, produção de alimentos e confecções;
- As experiências de agricultura urbana, agroecologia urbana e agricultura familiar;
- As experiências de turismo de base comunitária e turismo familiar, englobando possíveis redes de restaurantes familiares, produção artesanal de alimentos, ecoturismo, turismo ecológico e turismo rural;
- Os coletivos de arte e cultura, em sua articulação aos centros culturais comunitários e outros equipamentos culturais;
- Os bancos comunitários e suas experiências de moedas sociais.

Em suma, o fortalecimento desses empreendimentos populares e solidários, bem como sua articulação em uma rede metropolitana, surge como estratégia fundamental para a geração de trabalho e renda no território. O robustecimento dessa economia, intensiva em

público e de entidades de apoio e fomento, que envolvem diversas instâncias da sociedade civil, como sindicatos, movimentos sociais, instituições religiosas e universidades.

trabalho, com fortes vínculos ao território e elevada preocupação social e ambiental, abrirá caminho para processos de desenvolvimento endógeno na RMBH.



PARA SABER MAIS:

CORAGGIO, J. L. Economia do trabalho. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J. L.; GAIGER, L. I.; HESPANHA, P. Dicionário Internacional da Outra Economia. São Paulo: Almedina Brasil, 2009.

FURTADO, C. *Criatividade e dependência na civilização industrial*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FURTADO, C. *Cultura e desenvolvimento em época de crise*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

FURTADO, R. F. A. (Org.). *Arquivos Celso Furtado nº 5: Ensaio sobre cultura e o Ministério da Cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

KRAYCHETE, G. et al. (Orgs.). *Economia dos setores populares: entre a realidade e a utopia*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, P. I. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

